

Faltam professores, classes e até talheres

Muitos dos alunos do ciclo básico (1º e 2º ano) que frequentarão o primeiro dia de aulas na rede estadual de ensino não terão tempo de se entusiasmar com a perspectiva de permanecer seis horas na escola, com direito a recreação, atividades artísticas e três refeições — as principais inovações introduzidas pela Jornada Única de Trabalho, que começa a vigorar amanhã. Em várias escolas estaduais, não há professores para as classes, nem funcionários para preparar as refeições. Em outras, não há pratos, talheres e os mantimentos recebidos para toda a primeira semana de aulas não passam de macarrão, leite e sucos em pó ou mesmo apenas biscoitos. Carteiras quebradas, banheiros sem reforma e até mesmo falta d'água também fazem parte dessa paisagem. Fora os problemas materiais, de resto crônicos, professores e diretores revelam-se confusos quanto à proposta educacional que vão implantar e que visa, mais uma vez, erradicar a repetência e a evasão.

Olhando para sua própria escola, o diretor da EEPG Tito Prates da Fonseca, Sérgio Zurawski, não vacila em desmentir a afirmação oficial de que 93% das escolas têm condições materiais de implantar a Jornada Única, que praticamente dobra a permanência de professores e alunos na escola. "As crianças vão ter que comer em pé", diz, apontando o pátio vazio, sem uma única mesa ou cadeira para abrigar cerca de 350 alunos do ciclo básico que terão, a partir de amanhã, de tomar café da manhã "reforçado" — segundo diz o plano —, merenda e almoço. Para esse café "reforçado", o diretor não recebeu mais do que café com leite, mingau, suco desidratado e biscoitos. Para o almoço de semana inteira, o menu é ainda mais restrito: só macarrão. Isso com o agravante que, para comer o macarrão, não há pratos nem talheres. As crianças terão que usar as mesmas velhas canequinhas de merenda, tentando equilibrar os pedaços de macarrão em precárias colheri-

nhas de sobremesa. "Como é que a gente pode ensinar as crianças a terem um comportamento social nas refeições nesta situação?", pergunta.

Bem perto dali, na EEPG Yolanda Malozzi, a diretora Alays Mosca tenta imaginar como é que dará três refeições por dia a mais de 300 alunos do ciclo básico, pois não há funcionários para prepará-las. Mesmo se conseguir encontrar uma merendeira a tempo, a diretora ainda não sabe como poderá cumprir os curtos prazos estipulados para as refeições pelo plano: dez minutos para o café da manhã e meia hora para o almoço e isso dispondo de apenas duas estreitas mesas no pátio para acomodar todas as crianças e ainda tendo que limpar as classes em meia hora, a tempo de receber os alunos de 5ª a 8ª série, que entram à tarde.

Biscoito é, por enquanto, o prato único dos 1.700 alunos (760 no ciclo básico) da EEPG Davina

Aguiar, no Capão Redondo, região sul da cidade. Se as crianças tiverem sede, só poderão beber água na hora do recreio, pois é só nesse período que os bebedouros estarão abertos, bem como os banheiros. Há um ano, as bombas d'água da escola estouraram, durante a instalação de transformadores na rua. No início deste ano, a Sabesp fez nova ligação, mas a pressão da água foi muito grande e os canos estouraram. "O governador diz que consertou mil e tantas escolas. Mas aqui perto ele nem passou", lamentou Carmem Vicente, mãe de quatro alunos.

PRÓTESTOS

Algumas escolas estão sendo forçadas a verdadeiros malabarismos para acomodar todos os seus alunos, devido à implantação da Jornada Única. Um exemplo é a EEPG Uirapuru, em Guarulhos, que, para implantar 16 classes do ciclo básico, oito em cada período, foi obrigada a deslocar mais de 200 alunos de 3ª e 4ª séries para uma

escola próxima. Os pais protestaram, mas não houve jeito. A diretora, Dalva Oliveira Brugeff, diz que só poderia manter os alunos caso fossem feitas obras de ampliação.

A parte as deficiências de estrutura física da rede escolar, professores e diretores, mesmo destacando que são favoráveis ao plano, dizem-se confusos sobre o seu aspecto pedagógico. Ninguém sabe ainda o que vai ensinar, nem como. "O plano saiu muito em cima da hora. Numas semanas se decretou, durante as férias dos professores, e dias depois está sendo imposto, porque ninguém discutiu", diz Sérgio Zurawski.

Professores da EEPG Tito Prates da Fonseca acham até que a implantação só deveria ocorrer no próximo ano, para que pudesse haver maior discussão das mudanças. Outra vantagem no adiamento, a seu ver, poderia ser um maior preparo na infra-estrutura. A própria dirigente da Coordenadoria de Ensi-

no da Grande São Paulo, Anna Quadros, reconhece que pelo menos 40% dos professores do ciclo básico serão ACT (admitidos em caráter temporário). A diretora da EEPG Yolanda Malozzi também acha que o plano "é louvável, pois as crianças estão precisando de mais apoio. Mas, nestas condições, para dar certo, vai ser uma luta".

Na rede municipal de ensino, as aulas também serão reiniciadas amanhã com uma extensão do período das Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis) para oito horas. Mas, aí, as condições materiais também são, muitas vezes, precárias. Um exemplo é a novíssima escola Marechal Odylio Denys, na Vila Roque, que foi inaugurada em outubro. Lá, já chegaram os gêneros alimentícios, mas não as panelas nem os pratos. "As crianças vão ficar aqui todo esse tempo fazendo o quê, nessas condições?", disse uma funcionária que pediu para não se identificar.